

Cobertores, microfones e roteiros: a experiência do *podcast* Mundo na Sala de Aula

Ana Luiza Noronha

Graduanda em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB)

ananc25@gmail.com

Hugo Virgílio de Oliveira

Graduando em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

hugovirgilio@id.uff.br

Resumo

Na antropologia, visitamos e revisitamos nossos registros de campo. A cada olhar, a cada retorno aos dados, achamos uma informação que poderia deixar o trabalho mais completo, ou que poderia fazer mais conexões com o que nós, antropólogos, observamos. É nesse sentido que surge o Mundo na Sala de Aula, uma série feita em formato de *podcast* que revisita registros e conteúdos do Mundaréu, um *podcast* de divulgação científica sobre Antropologia. Para a elaboração dos episódios, cada participante da equipe ouviu o material bruto da primeira temporada do Mundaréu e a partir disso foram selecionados os temas que seriam abordados. Os episódios do Mundo na Sala de Aula foram roteirizados, gravados, produzidos e editados pelos estudantes do Departamento de Antropologia da Unicamp e da Universidade de Brasília com orientação das professoras responsáveis pelo projeto, também destas duas universidades. Para além do objetivo de aproveitar materiais empíricos e achar novos tópicos para serem debatidos, essa série tem o objetivo de ser uma alternativa para discutir a antropologia em outros formatos, e que passou a ser utilizada como uma ferramenta durante o ensino remoto emergencial adotado pelas universidades citadas.

Palavras-chave: divulgação científica; ensino; *podcast*; antropologia.

Abstract

In anthropology, we visit and revisit our field records. At every glance, at every return to the data, we find information that could make the work more complete, or that could make more connections with what we anthropologists have observed. It is in this sense that the *Mundo na Sala de Aula*, a series made in *podcast* format that revisits records and contents of *Mundaréu*, a *podcast* of scientific dissemination on Anthropology. For the elaboration of the episodes, each participant of the team heard the raw material of the first season of *Mundaréu* and from this were selected the topics that would be addressed. The episodes of the *Mundo na Sala de Aula* were scripted, recorded, produced and edited by the students of the Anthropology Department of Unicamp and the University of Brasilia, with guidance from the professors responsible for the project, also from these two universities. In addition to the goal of harnessing empirical materials and finding new topics to debate, this series aims to be an alternative to discussing anthropology in other formats, and that came to be used as a teaching tool during the emergency distance learning format adopted by the mentioned universities.

Keywords: scientific dissemination; teaching; podcast; anthropology

Introdução

A maioria dos estudiosos das mídias define o *podcast* como um programa de áudio em arquivo MP3 ou MP4 e que pode ser ouvido via *streaming* e/ou feito o *download* na plataforma que melhor for conveniente para o ouvinte (Freire, 2013; Carvalho 2009; Vicente, 2018). Segundo pesquisa realizada por uma empresa norte-americana, no período de 2006 a 2016 o número de estadunidenses familiarizados com o termo *podcasting* cresceu de 22% para 60% (Vicente, 2018). Já em 2004, uma breve busca no google pela palavra *podcast* – ano em que surgiu essa modalidade de mídia - gerava cerca de 6 mil resultados, enquanto um ano depois esse número já passava de 60 milhões, conforme apresenta outra pesquisa realizada naquele ano no Reino Unido (Vicente, 2018).

Na mesma linha, conforme apresentam Sonia Ferreira e Isabel Travancas (2014), é notável o crescimento desse tipo de mídia em áudio nos últimos quinze anos, acompanhados do surgimento de estudos antropológicos sobre a temática das mídias. Conforme as autoras apresentam, são inúmeros os trabalhos da área de comunicação que vem emergindo: estudos da imprensa, dos jornalistas, das rádios, da televisão, da publicidade e da internet. Segundo as pesquisadoras, é extremamente importante estudar os meios de comunicação para entender sociedades, como elas se veem e como são vistas

diante de diversas questões em voga.

Quem também confirma isso é Lumárya Sousa (2019) discutindo letramento midiático pensando já um panorama mais presente com relação ao uso das mídias sociais em escolas e o empoderamento através dela:

Na concepção do letramento midiático, enquanto uma prática social, cultural e política, mais do que constatar o problema da configuração das mídias na relação com a educação, precisamos entendê-lo como um processo plural, amplo e coletivo (Souza de Sousa, 2019: 64).

Pensando esse contexto com relação ao estudo de *podcasts*, Ana Amélia Amorim Carvalho (2009:1) vai um pouco mais além e associa a popularização dos *podcasts* principalmente ao que apresenta como pertencentes “à geração Net”, os “nativos digitais”¹:

Nasceram rodeados pelas tecnologias da informação e comunicação, os jogos de computadores, os comandos, os telemóveis, as mensagens (SMS e MMS), o MSN, entre outros. Estão frequentemente online. Acedem e recebem informação rapidamente (Carvalho, 2009: 1).

Segundo a professora, o *podcast* se popularizou pela sua facilidade em se criar, divulgar e transmitir, sendo uma ferramenta popular em meio às salas de aula e que vem cada vez mais ganhando força pois: trata-se de um arquivo mais leve que uma aula em vídeo, de fácil compartilhamento, baixo consumo de internet e podendo ser consumido off-line, uma vez feito o download no tocador do ouvinte. Com isso, o *podcast* tem se mostrado uma ferramenta muito potente e que contribui para o forte movimento de democratização e acesso ao lazer, informação, conhecimento etc. (Carvalho, 2009; Freire, 2013).

É nesse contexto de ascensão das mídias como ferramentas educacionais que surge em 2019, de uma parceria entre duas professoras e antropólogas da Universidade de Brasília e da Universidade Estadual de Campinas, o *Mundaréu: um podcast de antropologia*. Em seguida, em 2020, surge também uma série em *podcast*, derivada desse programa: o *Mundo na Sala de Aula*, dessa vez protagonizado pelos estudantes que atuam no projeto. O objetivo é divulgar a antropologia de maneira mais acessível para os mais diversos públicos e contribuir para o ensino de antropologia dentro das próprias universidades e graduações de ciências sociais. Tudo de maneira simples e acessível.

Ademais, com o avanço da pandemia de Covid-19 e o uso emergencial do ensino à distância, ferramentas de comunicação se tornaram grandes aliados de docentes e discentes em todo o país. A proposta deste trabalho é apresentar a metodologia

elaborada pela equipe de alunos e professoras coordenadoras para o desenvolvimento da série *podcast Mundo na Sala de Aula*. Pretendemos descrever como idealizamos e desenvolvemos essa série: desde a concepção de ideias para os temas dos episódios, passando pela construção do formato, escrita do roteiro e edição do conteúdo, até os seus desdobramentos e distribuição. Queremos apresentar como se desenvolveu o projeto e esse trabalho coletivo, bem como suas potencialidades para o ensino, pesquisa e extensão.

Ensino e *podcast*

O *podcast* ainda é uma ferramenta em crescimento no Brasil e a literatura acadêmica sobre o seu impacto em áreas como a educação ainda é recente (Dantas-Queiroz, Wentzel & Queiroz, 2018; Severo da Silva 2019; Silva & Bodart 2015), principalmente no ensino e na difusão dos temas da antropologia (Fleischer & Mota 2021). Apesar da pouca literatura específica sobre essa produção, no Brasil temos como referência a pesquisa realizada pela *Associação Brasileira de Produtores de Podcasters* (ABPOD), que todo ano realiza a *podpesquisa*² como forma de entender melhor o desempenho e as tendências dessa mídia no Brasil. Os resultados indicam que vários dados permeiam a relação do *podcast* com a educação e o interesse que o público tem com esse tema dentro da *podosfera*. Nessa seção, trabalharemos com os dados da *podpesquisa* de 2018 e 2019, que apresentam um panorama geral sobre *podcasts* no Brasil, e a de 2020, que apresenta uma perspectiva mais voltada para a produção desse tipo de mídia.

Primeiramente é importante falar sobre o crescimento tanto da produção quanto da audição de *podcasts*. No ano de 2020 a *podpesquisa*, que foi voltada para entender a produção de *podcasts*, mostra que 70,3% dos produtores passaram a produzir conteúdo nessa mídia a partir de 2018. Além disso, conforme apresenta Southern (2020) com relação ao número de ouvintes, um primeiro dado já indicou que essa movimentação fez com que os *podcasts* educacionais tivessem um aumento de 20% de espectadores nas primeiras quatro semanas do isolamento social. No mesmo caminho, conforme apontam pesquisas nacionais da ABPOD (2020; 7) e do GLOBO (2021), observa-se um aumento de consumidores dessa mídia. De modo geral, apesar do aumento de ouvintes dessa ferramenta nos últimos anos, o gênero dos *podcasts* educativos ainda é algo a ser explorado (Jesus 2014: 34).

A partir desses dados sobre *podcasts* que se relacionam com o contexto educacional, abrimos possibilidades para um estudo mais aprofundado e que consiga tanto ajudar no aprendizado das pessoas como também a popularizar e difundir esse tipo de mídia.

Conforme apresenta a *podpesquisa* de 2018 com relação aos profissionais que mais estão ligados a audição de *podcasts*: as pessoas que trabalham com tecnologia representam 22,1% dos ouvintes, ocupando o primeiro lugar, e os educadores possuem o segundo maior número, com 7,4%. Outro dado importante são os motivos que levam as pessoas a ouvirem *podcasts* sendo: entretenimento (87,7%), aprendizado (80,7%), busca de informação (79,9%) e para ter companhia durante as atividades domésticas (54,2%). Desse modo, é notável o número de professores que passaram a usar essa ferramenta como forma de passar os conteúdos para os alunos, também como algumas pessoas utilizaram o *podcast* como forma de aprender novas habilidades, de se distrair do momento atípico e até de ter a voz como uma companhia durante tempos tão incertos.

Da parte dos *podcasts*, existe um grande potencial para explorar e produzir programas educativos. Com a pandemia, conseguimos ver um aumento de relatos em relação à utilização de *podcasts* para o ensino, mas ainda temos alguns obstáculos em relação ao uso de *podcasts* em sala de aula. Primeiramente, a *podpesquisa* (2018: 10) mostra que o público com maior adesão ao *podcast* é o que possui grau de escolaridade a partir do ensino superior. Segundo Maurício Severo da Silva (2019: 90), para alunos do ensino fundamental e médio que não têm contato com essa mídia, seria interessante primeiro criar estratégias de familiarização tanto para os alunos quanto para os professores. Essa mesma familiarização também têm sido um obstáculo para docentes aderirem a esse tipo de ferramenta como forma de ensino. Muitos ainda são resistentes ao seu uso, por não conhecerem esse tipo de tecnologia e suas potencialidades na educação ou mesmo por receio com relação a carga de trabalho extra para criar um *podcast* para uma determinada matéria (Brito 2014: 35).

Esse cenário do uso de *podcasts* já é mais difundido em áreas como a do ensino de línguas, matemática e das ciências ditas exatas (Fleischer & Mota, 2021). Mas como mostraremos nesse artigo, existe uma grande potencialidade na relação entre *podcast* e outras áreas da educação: 97,43% do público acredita que os *podcasts* educacionais ainda não são explorados como deveriam (Brito 2014), ou seja, haveria um bom espaço tanto para diversificar os conteúdos da podosfera, como também a forma de aprendizagem.

O uso de *podcasts* têm trazido uma satisfação por parte dos alunos (Alarcon, Bendayan & Blanca 2017). Quais seriam as razões disso? Existem autores que já introduziram uma discussão sobre o uso de *podcasts* para mudar o *habitus* de aprendizagem, e com isso, aproximar o aluno do conteúdo que está sendo utilizado (Silva & Bodart 2015: 151; Souza & Mota 2007: 507). Conforme apresentam Janine Souza e Kátia Mota (2007: 507), *Habitus* é um conceito de Pierre Bourdieu que fala sobre a interação entre a percepção de um

indivíduo sobre o mundo social e de como esse mesmo indivíduo reage a esse sistema.

O espaço social é, então, criado pelas vozes que nele operam, construídas, na concepção de Bourdieu (1998), pelo *habitus* de cada grupo social durante o processo de formação do indivíduo, ao mesmo tempo em que transcende a sua história pessoal ao ser receptor da herança cultural da sua comunidade local (Souza & Mota 2007: 506).

Há uma diferença de *habitus* entre aluno e professor, o que acaba dificultando e tornando desinteressante a etapa de aprendizagem para os discentes. A ideia de se usar o *podcast* é justamente para tentar aproximar professores e alunos, e com isso, utilizar ferramentas tecnológicas para potencializar o ambiente de aprendizado (Silva & Bodart 2015: 151; Sousa de Souza 2019: 114). Segundo os autores, é possível mudarmos a relação dos alunos com o ensino. A proposta é usar ferramentas que normalmente atrapalham o processo de aprendizagem transformando-as em plataformas estimuladoras do conhecimento. No caso dos *podcasts*, por que não usar celulares e episódios com músicas que cativam os alunos? Ou, por exemplo, por que não permitir que cada estudante use seu celular para ouvir um episódio de *podcast* que depois será discutido em sala de aula? Dessa forma, ao invés de utilizarem as tecnologias como forma de desviar a atenção da aula, elas passam a ser utilizadas para compartilhar conhecimento e tornar o ambiente dinâmico e atrativo tanto para o professor quanto para o aluno. Mas o aprendizado dos alunos não é eficiente apenas tornando as aulas e a forma de aprendizagem divertida. Apesar de válida a aproximação dos *habitus* do aluno e do professor, é muito importante atentar para a forma de aprendizado desses estudantes.

Nesse sentido, o *podcast* tem a vantagem de ser uma boa ferramenta para estimular a autonomia do aluno no processo de ensino (Severo da Silva, 2019: 102). É uma estratégia que permite que o ouvinte crie um ambiente mais confortável para o seu jeito de aprender: podendo adiantar a velocidade do episódio, escolhendo o lugar em que vai ouvir ou enquanto faz alguma outra atividade em paralelo. Além disso, o processo de envolver os alunos na construção de episódios de *podcast* pode ser uma boa forma para se fugir da passividade apenas da audição do conteúdo (Jesus 2014: 34; Severo da Silva 2019: 103). Com isso, os alunos se envolvem em um processo ativo de aprendizagem, tanto pessoal quanto dos colegas que criam e montam os episódios.

Além de estimular a aprendizagem ativa, há uma discussão sobre a acessibilidade que essa ferramenta traz para a educação. 22,9% dos motivos de evasão escolar são devidos a algum tipo de doença oftalmológica (Silva & Bodart 2015: 143). Ao trazer

materiais diferentes de textos, é possível diversificar a forma de aprendizado e tornar o conhecimento mais acessível tanto para pessoas que têm dificuldade com o formato textual e/ou visual como também para alunos com deficiência. Mesmo em relação aos alunos surdos, os *podcasts* também seguem sendo uma alternativa interessante, visto que os conteúdos muitas vezes são transcritos para captar as sutilezas das falas, ambiências sonoras e do cenário que é construído em um episódio de *podcast* (Freire 2011: 201).

A utilização do áudio tem se mostrado muito promissora e agregadora no processo de aprendizagem. Para diversos autores (Fleischer & Mota 2021: 3; Severo da Silva 2019: 102; Souza & Mota 2007: 511) é muito claro que o objetivo não é substituir as leituras ou utilizar apenas o áudio como forma de aprendizado. E sim reforçar as potencialidades que cada tipo de linguagem possui, seja por áudio ou escrita. Quanto maior a diversidade nas formas de ensino, provavelmente teremos um ambiente de ensino mais eficiente e inclusivo, principalmente se ele contribuir para a criação da autonomia do estudante.

O Mundaréu e o Mundo na Sala de Aula

O que é Antropologia? É a partir dessa pergunta que nasce em 2019 o Mundaréu³, um podcast de divulgação científica que busca discutir “o que é Antropologia, o que essa ciência estuda, o que faz uma antropóloga, onde uma profissional da Antropologia trabalha” (Mundaréu, 2019). Ao longo da sua primeira temporada, o programa teve oito episódios em que suas antropólogas anfitriãs⁴ e coordenadoras do projeto recebiam duas convidadas: uma sendo antropóloga e a outra uma de suas interlocutoras para discutir temas de pesquisa e experiências de vida. Para cada episódio, com duração média de 40 minutos, foram realizadas conversas prévias individualmente com cada convidado e depois uma gravação em estúdio com as 4 pessoas presentes – apresentadoras e convidadas. Ao todo para cada episódio foram gerados cerca de 300 minutos de material, somando-se cerca de 2.400 minutos durante a temporada. Ou seja, havia um vasto material de conversas e entrevistas bastante inexplorado, que entraram parcialmente para apenas compor os episódios que foram ao ar. Esses episódios têm muito a acrescentar às discussões de diversos temas de pesquisa e da própria prática antropológica. É nesse contexto que surge o Mundo na Sala de Aula (MunSA).

A série surge com o objetivo de revisitar o material que não tinha sido utilizado nos episódios da primeira temporada do *Mundaréu*, a partir dos interesses de pesquisa dos estudantes que participam da equipe⁵ e assim criar novos episódios. O *MunSA* é apresentado, editado, roteirizado e divulgado pelos estudantes sob orientação das

professoras coordenadoras e teve o seu primeiro episódio lançado em agosto de 2020. Diferentemente do programa original (que é mensal), a nova série teve frequência semanal, episódios mais curtos, cerca de 20 minutos e formatos bem diversificados no que diz respeito a trilha sonora, estrutura de conteúdos e roteirização.

A sua criação deu-se nos primeiros meses de quarentena em decorrência da pandemia de Covid-19 no país. Nesse sentido, a série se desenvolveu toda e completamente de modo remoto por meio de conversas de *WhatsApp*, troca de e-mails, chamadas de vídeo e gravações remotas. Em suma, o *MunSA* surge como forma de rever o material coletado durante o trabalho de campo, prática tão comum na antropologia (Malinowski, 1978; Evans-Pritchard, 2005; DaMatta, 2010; Ingold, 2019). O projeto não só resgata esses materiais, como também traz a visão dos alunos sobre os temas discutidos nos “bastidores” da produção do *podcast* Mundaréu, contribuindo não só para a formação acadêmica, mas também para assimilação do conteúdo e o exercício de transmitir a antropologia em outros formatos e linguagens. Com isso, é um olhar que procura apresentar e discutir nossa experiência com a produção do *MunSA* e seu uso em salas de aula como material didático para as ciências sociais de um modo geral. Uso esse que foi potencializado com a adesão do ensino remoto emergencial em decorrência da pandemia de Covid-19.

Temas e roteiros

A primeira etapa foi pensar nos temas que interessam a cada estudante e que pudessem gerar um episódio. Essa etapa consistiu na escuta atenta dos materiais do Mundaréu. Cada participante ouviu as conversas prévias e conversas feitas em estúdios, episódios sem edições e leu as transcrições com o intuito de achar temas interessantes para a antropologia, que até então não tinham sido abordados nos episódios que foram ao ar. Apostamos que, assim como os dados de um trabalho de campo, os materiais para a produção do programa podem render muito mais do que para o que foram inicialmente destinados.

Tudo o que foi visto, gravado, lido e ouvido pode ser relido, reouvido e, a depender do ponto de vista, novas ideias e conexões podem surgir. Foi justamente isso que aconteceu na série: cada participante ouviu os materiais do Mundaréu a partir de suas experiências como graduandas e graduandos de Ciências Sociais. Quer dizer, levaram em conta o que já tinham acumulado em termos de disciplinas cursadas e leituras realizadas, de conversas e trocas com seus pares, de pesquisas feitas para seus projetos de iniciação científica ou TCC e, claro, suas vivências e interesses pessoais.

Com temas e ordem dos episódios definidos, a equipe passou à elaboração dos roteiros. Por tratar-se de uma série produzida pelos alunos, pensamos em um formato de programa em que os estudantes apresentassem. Com isso, foram definidas duplas de apresentadores: um aluno responsável pelo episódio – uma espécie de diretor e apresentador - e o outro como convidado – um interlocutor, comentarista que deveria seguir o roteiro elaborado pelo primeiro aluno. É claro que apesar do roteiro, prezamos durante todo o processo pelo diálogo entre os estudantes, ainda que um fosse o líder, e prezamos também para que o estilo de fala fosse respeitado desde essa etapa.

Para o roteiro, buscamos criar uma narrativa para que o episódio contasse uma história sobre o tema escolhido. Esse momento vai além de escrever falas que serão gravadas ou selecionar os trechos do material que serão usados. É necessário escrever, pensar na justaposição dos conteúdos, incentivar emoções, escolher efeitos sonoros e músicas que vão compor a trilha sonora e pensar referências. É um trabalho de elaborar a melhor forma de expressar uma discussão sobre aquele tema por meio do áudio. O formato é diferente de um artigo científico ou de uma aula expositiva e nosso objetivo sempre foi ter uma linguagem acessível, atmosfera interessante, informalidade e criação de empatia. Além disso, também procuramos investir em descrições de objetos, cenários e figurinos para que o sentido do áudio pudesse ser comunicado com qualidade.

O roteiro, em linhas gerais, foi inspirado nos episódios do *Mundaréu*, divididos em quatro partes: introdução, bloco 1, bloco 2 e o encerramento. A introdução buscou apresentar o tema que seria discutido e o encerramento alguns apanhados gerais e agradecimentos. Já o bloco 1 e bloco 2 variaram bastante entre os episódios de acordo com o tema e com o enredo do episódio. Além disso, também havia uma esquematização do roteiro que deveria ser seguida: vejamos o exemplo do roteiro do primeiro episódio do *MunSA*:

Trechos tachados em amarelo eram referentes a sonoplastia, músicas ou outros trechos sonoros que utilizássemos:

Trecho de notícia jornalística de jornais do Rio (10 segundos): Com essa promessa de grandes empresas, multinacionais, com prédios sendo construídos aí, hotéis. Eu achei que nossa senhora agora todo mundo vai ficar bem né, empregado, pertinho de casa.

Trechos tachados em azul eram referentes a fala dos apresentadores que deveriam ser seguidas ou regravadas:

Hugo: Oi pessoal... Calma! Calma! Vocês estão no podcast certo, o Mundaréu! Meu nome é Hugo Virgílio e eu sou aluno de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, no Rio de Janeiro.

Os blocos dos episódios eram tachados de rosa:

BLOCO 1: Isca para antropólogos: uma grande mudança urbana

BLOCO 2: Tem Antropólogos na minha casa

E, por fim, em verde outros comentários e/ou extras ou [entre colchetes]:

Textos que podem dialogar com este episódio:

Materiais extras:

Em termos gerais, buscamos colocar um limite de 5 até 7 páginas visando estimar o tempo de duração de cada episódio uma vez que, no *Mundaréu*, episódios de 40 minutos contava com roteiros de 15 páginas e o *MunSA* tinha proposta de programas na casa dos 20 minutos. Ao todo, a produção do roteiro levou no máximo duas semanas para ficar pronto e fazia o seguinte trajeto:

1) A primeira escrita, que era elaborada pelo aluno responsável em diálogo com o colega que ele convidou para dividir o programa.

2) Depois era enviado para a professora fazer comentários, sugestões e orientações sobre o tema de modo geral e sobre o andamento do programa.

3) Em seguida, o roteiro era revisitado a partir dessas considerações da docente e adaptado de acordo com o que o aluno achasse interessante e conveniente.

4) O roteiro era reenviado para as considerações finais entre a coordenadora e os alunos e enfim era batido o martelo para que fossem para a próxima fase: a gravação.

De modo geral, cabe ressaltar também que durante todo esse percurso, o aluno responsável pela produção do roteiro conta também com a colaboração dos demais colegas com comentários e sugestões. Desse modo, estimula-se uma maior integração entre os estudantes e um senso de coletividade e trabalho em equipe.

Gravações e edições

Devido à pandemia de COVID-19 e à adoção do isolamento social, os alunos não

pueram fazer as gravações em estúdios como aconteceu com o *Mundaréu* e tiveram que recorrer aos métodos caseiros de gravação. Observamos que o formato de *podcast* pode ser um dos meios mais acessíveis do audiovisual, seja para consumir como também para produzir o conteúdo. Alguns estudantes usaram microfones específicos para gravação, mas a maioria contou com celulares, computadores e fones de ouvidos comuns.

Dentre as técnicas para melhorar a qualidade do som e abafar ruídos externos, foram feitas gravações em cabanas utilizando cobertores, dentro de armários e closets e/ou em horários mais silenciosos da casa e da vizinhança. Os celulares foram colocados dentro de meias, posicionados bem próximos de quem estivesse falando e cercados por cortinas, almofadas ou materiais moles para acolchoar a onda sonora⁶. Os bastidores das gravações são feitos de cenas que os ouvintes nem imaginam e que chegam a ser cômicas, mas são técnicas que criam uma espécie de estúdio caseiro, e servem para melhorar a acústica e a qualidade do som que será reproduzido no *podcast*.

Nem todas as gravações passaram por esse processo, mas com a nossa experiência recomendamos que os áudios sejam gravados separadamente por cada integrante do episódio e de preferência com gravações de áudios reservas e backups, caso aconteça algum imprevisto com o arquivo principal. Algumas duplas preferiram utilizar ligações via *Google Meet* durante as gravações para tornar o áudio mais natural, já que o contato visual e a alternância de falas comporiam com mais facilidade o cenário que é criado para cada episódio. Outras duplas gravaram suas falas individualmente e depois as juntaram na fase de edição e montagem do episódio.

É importante falar também que na fase de roteirização e da própria gravação, a forma em que a fala é expressa faz toda a diferença. No episódio 2 do *MunSA*, por exemplo, os locutores pensaram nas entonações das falas e em uma forma de tornar o episódio o mais divertido possível, já que estávamos tratando dos erros de gravações do *Mundaréu*. É um processo que não acontece em todos os *podcasts* ou em todos os episódios do *Mundaréu* e do *Mundo na Sala de Aula*, mas trazer entonações e técnicas de contação de histórias para o áudio fazem diferença quando falamos em formas de cativar os ouvintes.

A edição dos episódios da série foi feita usando o programa *Audacity 2.4.1*, por ser um software aberto de fácil acesso e usabilidade. Primeiramente, foram selecionados os trechos dos materiais originários do *Mundaréu*, depois inseridos os trechos gravados pela dupla. Os primeiros ajustes de áudio eram feitos como a normalização dos volumes⁷,

6 Ao utilizarmos esses materiais caseiros, as gravações registram menos ruídos. Nesse caso, acolchoar a onda sonora facilita a edição do episódio e aumenta a qualidade do som do podcast.

7 É normal que o volume das vozes dos entrevistadores fique diferente por causa das gravações caseiras. Por isso, é importante editar o som para que ele fique mais uniforme.

a retirada de ruídos e vícios de linguagem das falas, e foram feitas a conversão de áudio *mono* para *estéreo*⁸ e entre tipos diferentes de arquivos (vídeo para MP3, por exemplo). O processo de montagem implicou em colocar as falas, músicas, efeitos sonoros e entrevistas na ordem a compor a mensagem e o tema do episódio. O roteiro previamente construído foi essencial no processo de montagem, muitas vezes atuando como um guia e sendo adaptado e aprimorado diante do material em áudio. Quando tudo foi incluído no arquivo, o áudio foi *remasterizado*⁹ e disponibilizado no sítio eletrônico do *Mundaréu* e nos seus respectivos tocadores de *podcasts*¹⁰.

Outra parte importante na edição de som é o de tentar transformar o conteúdo que será passado em uma história. Com elementos que compõem a sonoplastia, e o ambiente que está sendo narrado durante o episódio. A ordem das falas e como isso tornará o conteúdo de áudio mais atrativo para os ouvintes do *podcast* também é algo que é uma preocupação durante o processo de edição. Mais uma vez, não são todos os *podcasts* que trazem esses elementos, e nem todos os episódios, mas são artifícios que temos a percepção de que faz sucesso entre os ouvintes.

Materiais extras e divulgação

Em paralelo com o processo de gravação e edição, cada dupla precisou pensar nos materiais extras que seriam divulgados junto com o episódio e providenciar as autorizações para as músicas utilizadas nos episódios.

Como falamos sobre a área de Antropologia e imaginamos que o *MunSA* possa ser bem aproveitado em aulas, a ideia foi elencar materiais que também abordassem o tema escolhido para o episódio, como artigos, livros, *blogs*, documentários e outros *podcasts*. Essa etapa também contava muito com a colaboração entre os colegas e o conhecimento empírico dos alunos que estavam à frente do respectivo episódio e que compartilhavam materiais pessoais, filmes de interesse, outros materiais veiculados em meios de comunicação e tantos outros materiais que poderiam ser recomendados e que dialogassem com a temática proposta pelos estudantes.

Sobre a trilha sonora, priorizamos músicas de artistas locais e independentes, o que já era uma estratégia do *Mundaréu*. Essa escolha tem sido adotada primeiramente para divulgar esses artistas, e depois, para facilitar a comunicação e a obtenção das

8 Ambas são formas de emissão de som. Áudios monos transmitem a mesma informação independente do canal, enquanto em estéreo essas informações são separadas e podem variar. O áudio estéreo costuma ser mais semelhante aos sons reais.

devidas autorizações de direitos autorais¹¹. No nosso caso, procurávamos sempre entrar em contato diretamente com o artista ou o grupo musical e solicitar por meio de uma carta padronizada em que: apresentávamos o projeto, explicávamos o contexto do episódio e pedíamos a concessão do uso da música. Acionávamos também questões relacionadas a popularização e divulgação do conteúdo – inclusive da música que desejávamos utilizar. Por fim, assim que recebíamos o aceite por e-mail ou *WhatsApp* nós tirávamos um *print*¹² e salvávamos na pasta do episódio. Essa comprovação serviria como a autorização do artista ou grupo musical.

Desdobramentos

Com o fim de investigar o uso de *podcasts* no ensino de graduação do curso de Ciências Sociais da UnB, o primeiro desdobramento de destaque foi a execução do experimento “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um *podcast* como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem”. Essa iniciativa se desenvolveu a partir da concessão de bolsas financiadas pelo Centro de Educação a Distância (CEAD/UnB) através de edital que tinha como objetivo investigar, apresentar e/ou desenvolver novas metodologias inovadoras de ensino. O projeto visou convidar professores que ofereceram disciplinas relacionadas à antropologia a usarem episódios do *Mundaréu* e/ou do *Mundo na Sala de Aula* como material didático: seja em uma aula síncrona ou assíncrona.

Dessa forma, alunos do projeto e a coordenadora, Soraya Fleischer, desenharam o experimento que foi aplicado em 15 turmas de 10 disciplinas da Universidade de Brasília. Durante o experimento, a cada aula em que atuamos dividimos pares de integrantes da equipe do *MunSA*, que ficaram responsáveis por criar dinâmicas, questionários, atividades e debater dentro de sala de aula com os alunos e professores que tinham sido contatados anteriormente para participar do experimento. Os episódios escolhidos para as disciplinas eram sugeridos por nós de acordo com o tema da aula e eram trabalhados em conjunto com textos, vídeos e materiais que compunham as ementas das disciplinas. Depois de acompanhar as aulas, enviamos questionários para os professores e para os alunos a fim de saber o desempenho da aula e do uso do *podcast* em sala de aula.

Durante o experimento realizado pela equipe do *Mundaréu*, percebemos que foi essa diversidade de utilidades que os professores podcasters utilizaram para atingir seus

11 Junto aos grandes artistas e gravadoras, muitas vezes precisamos passar por um longo trâmite burocrático de direitos autorais e até exigência de pagamentos, duas condições fora do alcance do projeto.

12 Uma espécie de foto da tela do celular, computador ou *tablet*.

ouvintes e seus alunos. De modo geral, investigar o processo de aprendizagem por parte dos alunos utilizando outros meios além da leitura sempre foi uma questão que gerou curiosidade em pesquisadores da área da comunicação e mídias (Ferreira & Travancas 2014: 625). Além disso, esse recurso também tem se mostrado muito promissor para discussão de temas no geral (Observantropologia 2020; Conversas da Kata 2019; Selvagerias 2019), como também especificamente pensados para o aprendizado e uso em sala de aula (Mundaréu 2019; Mundo na Sala de Aula 2020; Etnografando o Fim do Mundo 2020; Antropólis 2020:)

Cabe destacar também, que esse contexto fomentou as seguintes questões norteadoras para a equipe do *Mundaréu* e do *MunSA*: além de ocupar a podosfera, qual é o impacto que os episódios estavam tendo no aprendizado dos alunos? A utilização de *podcasts* ajuda na compreensão dos conteúdos? As pessoas se adaptam bem a esse formato? Qual é a melhor estratégia para tornar o conteúdo divulgado interessante para o nosso público? Todas essas perguntas estão sendo analisadas pela equipe do *Mundaréu*, mas também já vêm sendo discutidas por autores que têm tentado colocar o *podcast* como mais uma ferramenta útil no ensino.

Em seguida, um segundo desdobramento foi uma breve análise dos feedbacks tanto sobre o *Mundaréu* quanto sobre o *Mundo na Sala de Aula* que têm se mostrado positivos. Nosso objetivo não é trazer uma análise qualitativa dos feedbacks, mas a partir de um olhar superficial podemos observar alguns pontos que nos motivaram bastante no nosso trabalho. Os comentários que mencionaram o impacto que essa forma de aprendizagem teve em suas experiências pessoais, sobre a inovação que o uso do *podcast* trouxe e sobre a qualidade técnica da produção tiveram um valor importante para a nossa equipe e para a construção desse trabalho. Também obtivemos retornos que falam sobre a importância de se pensar e de se ensinar antropologia a partir de trajetórias reais, causando uma identificação dos ouvintes com suas próprias histórias. Além disso, algumas pessoas relataram como as nossas vozes foram companhias durante a pandemia e um incentivo pessoal para que os alunos seguissem no curso de antropologia da *UnB*.

Outro desdobramento que merece destaque foi o ingresso do *Mundaréu* em uma rede de podcasters que tratam sobre a área das Ciências Sociais. Com o aumento dos docentes utilizando esse tipo de plataforma, começaram a ter trocas entre os alunos, professores, e produtores de *podcasts*. Essas trocas são amplas e foram concretizadas tanto em participações especiais nos episódios, como também na troca sobre como aperfeiçoar a produção de um episódio. Essa rede hoje em dia começa a se organizar e já forma um grupo contendo 13 *podcasts* e 33 pessoas envolvidas em todo o processo de produção

de *podcasts* formando a *rede Kere-Kere*¹³. Por fim, destacamos também como o formato de áudio também impactou as formas e os rituais que ocorrem na própria Antropologia. A Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) também aderiu à ideia de ter parte de seu conteúdo em forma de *podcast*. Com isso, a equipe do *Mundaréu* foi convidada a fazer a locução das palestras feitas por profissionais e antropólogos que abordam tópicos importantes para área das ciências sociais, como Zethu Matebeni, Éric Fassin, Mara Viveros, Michael Taussig, Seth Holmes, Joênia Wapichana e Manuela Carneiro da Cunha.

De modo geral, é importante que tenhamos um olhar crítico quanto ao uso de *podcasts* em sala de aula tanto nesse quanto em trabalhos futuros. Por mais que seja um formato que tem sido aprovado tanto pela maioria dos alunos que responderam ao questionário do experimento do CEAD e também em outros trabalhos (Alarcon, Bendayan & Blanca 2017: 126; Brito 2014: 49; Severo da Silva 2014: 89), é necessário que o uso dessa e de outras tecnologias exerçam também a função de fortalecer aspectos cognitivos, de interpretação, de autonomia, de desenvolvimento da capacidade textual, oral, crítica e lógica. É preciso um olhar atento para incentivar o uso dos *podcasts* como ferramenta emancipadora no ensino, e não apenas mais uma tecnologia que segue reproduzindo barreiras que existem durante o processo de aprendizagem.

Quem sabe utilizar desses elementos seja uma das alternativas para cada vez mais disseminarmos a antropologia para fora do gabinete e que ela passe a ser uma área mais compreendida na sociedade? Considerando a atual conjuntura em que as ciências humanas e sociais estão sendo constantemente atacadas e questionadas, contribuir com a popularização dessa área de estudo é um caminho estratégico necessário.

Considerações finais

O *Mundo na Sala de Aula*, junto com o *Mundaréu*, vem com a proposta de pensar a antropologia e os veículos de comunicação de forma diferente. Buscamos complementar, ampliar e diversificar o formato didático baseado majoritariamente na leitura de textos e adicionar outros sentidos no processo de aprendizagem e assimilação dessa área. Trata-se de uma oportunidade de colaborar para uma nova forma de se pensar a linguagem, de se pensar ensino e de usar as tecnologias a nosso favor. É uma forma de desconstruir a falsa sensação de hierarquia existente entre o conhecimento passado apenas de forma visual, em formas de textos, e o passado em áudio. E ao quebrar essa dicotomia entre texto e

13 Segundo o site da rede, o termo Kere-kere foi tirado do livro “O ensaio sobre a dádiva” de Marcell Mauss e remete a uma época, em que não se pode recusar nada a ninguém. <https://radiokerekere.wordpress.com/>

áudio, podemos usar essas duas ferramentas para se complementarem e ativarem suas inúmeras potencialidades.

Apresentamos aqui um constante processo de aprendizagem representados pela produção do *Mundaréu* e do *Mundo na Sala de Aula*. Neles a equipe aprendeu a produzir, a tornar um conteúdo acadêmico acessível, a contar uma história através da nossa própria voz, a vasculhar os arquivos brutos de uma pesquisa, a sistematizar nossas descobertas e por fim registrá-las em texto e em áudio. Sendo assim, os alunos que fizeram parte dessa equipe passaram por um processo de aprendizagem conforme apontado por Maurício Severo da Silva (2019: 103). Em seu trabalho, os alunos são agentes do seu próprio aprendizado e transformam os conteúdos absorvidos na escola em *podcast*. Dessa forma, a autonomia e a motivação dos alunos passam a ser muito mais eficientes e a transmissão do conteúdo se torna mais atraente, de fácil assimilação e compreensão.

Nesse sentido, conforme apresenta Lumária Sousa (2019: 42), é notável como estamos imanescentes a diversas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) em nosso cotidiano. Com isso, é natural potencializarmos essas novas modalidades de comunicabilidade para o ensino e aprendizagem. Para a autora, pensar a educação auxiliada dos meios de comunicação, mídia e tecnologia é essencial nos dias de hoje em que tudo está conectado:

Nos referimos às formas de agir e estar no mundo, que refletem um cenário de desdobramentos, diante da expansão dos meios de comunicação e, principalmente, do universo digital, com a popularização das tecnologias contemporâneas. [...] Redes sociais, digitais, games, aplicativos, convergências e dispositivos móveis são apenas alguns dos exemplos de práticas e objetos midiáticos que nos rodeiam diariamente – especialmente em sociedades de consumo ocidental. (Sousa 2019 :42)

Dessa forma, nota-se como a produção de *podcasts* e seus usos em sala de aula tem apenas a somar a tantos debates: da educação, do letramento midiático, da antropologia, da comunicação e tantos outros. Ainda que recente, os estudos do uso de *podcast* e dos meios digitais - que passaram a receber maior destaque desde o início da pandemia de Covid-19 - se mostram bastante detalhados e trazem uma série de dados que nos ajudam a refletir sobre mais uma forma de otimizar práticas de ensino.

Por fim, destacamos que nosso objetivo é incentivar o uso dessa ferramenta e contextualizar seu potencial. O primeiro no sentido de introduzir o processo de construção desse projeto, desafios e possibilidades de produção desde a escolha dos

temas, passando por processos mais técnicos de gravação e edição, até finalmente chegar em alguns desdobramentos. Já o outro é justamente compartilhar os diversos caminhos que um programa em áudio pode tomar em tantos aspectos relacionados à popularização da ciência, acessibilidade, democratização, produção do conhecimento e, sobretudo, no ensino e na formação.

Referências

- ABPOD. 2018: *Podpesquisa 2018*. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa>. Acesso em: 18 fev. 2021.
- ABPOD. 2019: *PodPesquisa 2019*. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa>. Acesso em: 18 fev. 2021.
- ABPOD. 2020: *PodPesquisa 2020-2021 Produtores*. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf. Acesso em: 18 fev. 2021.
- ALARCÓN, Rafael; BENDAYAN, Rebecca; BLANCA, Maria J. 2017: *The Student Satisfaction with Educational Podcasts Questionnaire: Cuestionario de satisfacción con podcasts educativos*. *Escritos de Psicología*. 10(2): 126-133.
- ANTROPÓLIS, 2020: Locução de: Guilherme Alderaldo; Francisco Neto; Claudia Turra. Podcast. Disponível em: <https://spoti.fi/3439lsz>
- CARVALHO, Ana A. A. 2009. *Podcasts no ensino: contributos para uma taxonomia*. *Ozarfaxinars*, 1(8): 1-15
- CONVERSAS DA KATA, 2019: Locução de: Ana Carolina Oliveira; Bruner Titoneli; Marina Fonseca et al. Podcast. Disponível em: <https://spoti.fi/2S1T72J>
- DAMATTA, Roberto. 2010: *Relativizando; uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- DANTAS-QUEIROZ, Marcos. V.; WENTZEL, Lia. C. P.; QUEIROZ, Luciano L. 2018: Science communication podcasting in Brazil: The potential and challenges depicted by two podcasts. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 90(2): 1891-1901.
- ETNOGRAFANDO O FIM DO MUNDO, 2020: Locução de: Andreza Benila. Podcast. Disponível em: <https://spoti.fi/367h1C5>
- EVANS-PRITCHARD, Edward E. 2005: *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- FERREIRA, Sónia; TRAVANCAS, Isabel. 2014: *Antropologia da mídia: um campo em construção no Brasil e em Portugal*. *Revista FAMECOS*, 21(2): 622-646.
- FLEISCHER, Soraya R.; MOTA, Julia C. 2021: *Mundaréu: Um Podcast De Antropologia Como Uma Ferramenta Polivalente*. *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, 6(1):

1-21.

FREIRE, Eugênio. P. 2011: *O podcast como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos*. Revista Educação Especial, 24 (40): 195-206.

_____. 2013. *Podpesquisa: análise educativa de uma pesquisa sobre podcasts*. Poíesis. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, 7(11): 149-167

GLOBO: *Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros*: 17 de julho de 2021 Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros>: Acesso em: 17 de agosto de 2021

INGOLD, Tim. 2009: *Antropologia: para que serve?* Editora Vozes.

JESUS, Wagner B. 2014. Podcast e educação: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado. PPGÉ, Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”.

KERE-KERE, Rádio. 2021: *Rádio Kere-Kere, viver antropologia e fazer podcast em rede*. Disponível em: <https://radiokerekere.wordpress.com>.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978: *Argonautas do Pacífico Ocidental (2ª ed.)*. São Paulo: Abril Cultural.

MUNDARÉU, 2019: Locução de: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Podcast. Disponível em: <https://bit.ly/3j4flxX>

MUNDO NA SALA DE AULA, 2020: Locução de: Ana Noronha; Arthur Ulhoa; Hugo Virgílio *et al.* Podcast. Disponível em: <https://bit.ly/2G6Q3Qe>

OBSERVANTROPOLOGIA, 2020: Locução de: Camilla Iumatti Freitas, Stephanie Sacco e Patrícia Pinheiro. Podcast. Disponível em: <https://bityli.com/rmwJk>

SELVAGERIAS, 2019: Locução de: Beatriz Braga; Lucas Lippi; Tainá Scartezini *et al.* Podcast. Disponível em: <https://spoti.fi/30qbV0j>

SEVERO DA SILVA, Maurício. 2019 *O uso do podcast como recurso de aprendizagem no ensino superior*. Dissertação de Mestrado. PPGÉ, Universidade do Vale do Taquari.

SILVA, Roniel S.; BODART, Cristiano N. 2015: *O uso do Podcast como recurso didático de Sociologia: aproximando habitus*. Educação, Ciência e Cultura, 20(1): 137-153.

SOUTHERN, Lucinda. 2020: *“Podcasting’s winners and losers during coronavirus”*. Digiday. Disponível em: <https://bit.ly/3fe8UrT> Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

SOUZA DE SOUSA, Lumárya. 2019: *Favelação: experiências de letramento midiático através da pesquisa-ação*. Dissertação de Mestrado. PPGCOM, Universidade Federal Fluminense.

SOUZA, Janine. F.; MOTA, Kátia. M. S. 2007: *O silêncio é de ouro e a palavra é de prata? Considerações acerca do espaço da oralidade em educação de jovens e adultos*. Revista Brasileira de Educação, 12(36): 505-514.

VICENTE, Eduardo. 2018: “Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio”. In: R. L. Soares & G. Silva. (Orgs.), *Emergências periféricas em práticas midiáticas*. São Paulo: ECA/USP. pp. 88-107.

Recebido em 25 de março de 2021.

Aceito em 28 de julho de 2021.